

JANE AUSTEN

Razão e
sensibilidade

Tradução de
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

Prefácio e notas de
ROS BALLASTER

Introdução de
TONY TANNER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio e das notas © 1995 by Ros Ballaster

Copyright da nota sobre o texto e da cronologia

© 1995, 2003 by Claire Lamont

Copyright da introdução original Penguin Classics

© 1969 by Tony Tanner

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or

Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Sense and sensibility

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

CAPA

Alceu Nunes

PREPARAÇÃO

Alexandre Boide

REVISÃO

Huendel Viana

Arlete Zebber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Austen, Jane, 1775-1817.

Razão e sensibilidade/ Jane Austen ; tradução de Alexandre Barbosa de Souza; prefácio e notas de Ros Ballaster; introdução de Tony Tanner. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Título original: Sense and sensibility

ISBN 978-85-63560-49-0

1. Ficção inglesa I. Ballaster, Ros. II. Tanner, Tony. III. Título.

12-05808

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio — Ros Ballaster	7
Introdução — Tony Tanner	33
Nota sobre o texto	69

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Volume I	73
Volume II	219
Volume III	345
<i>Notas</i>	485
<i>Cronologia</i>	499
<i>Outras leituras</i>	501

VOLUME I*

* *Razão e sensibilidade* foi lançado originalmente em três volumes. Para manter a divisão nesta edição, os cabeçalhos à esquerda informam o volume e o capítulo da primeira edição e os cabeçalhos à direita informam o número do capítulo em sequência numérica contínua. (N. E.)

A família Dashwood estava estabelecida havia muito tempo em Sussex. O terreno era grande, e a casa ficava em Norland Park, bem no centro da propriedade onde, por muitas gerações, viveram respeitavelmente, de modo que todos os conhecidos da região tinham uma boa opinião deles. O último dono da propriedade era solteiro e viveu até idade muito avançada, tendo sido acompanhado durante muito tempo pela governanta e pela irmã. Quando a irmã morreu, dez anos antes dele, houve uma grande alteração no lar; para compensar a perda sofrida, ele convidou e recebeu em casa a família de seu sobrinho Henry Dashwood, herdeiro legal de Norland e pessoa para quem pretendia deixar a propriedade. Na companhia do sobrinho, que tinha esposa e filhos, os dias do velho cavalheiro passaram confortavelmente. Sua ligação com eles se fortaleceu. As constantes atenções do sr. e da sra. Henry Dashwood às suas vontades, oriundas não apenas do interesse, mas também da bondade de seu coração, forneceram-lhe todas as instâncias do conforto que sua idade poderia receber; e a alegria das crianças acrescentou-lhe tempero à existência.

De um casamento anterior, o sr. Henry Dashwood tinha um filho: de sua esposa atual, três filhas. O filho, um rapaz pacato e respeitável, fora fartamente abonado pela fortuna da mãe, que era vultosa, e cuja metade lhe ha-

via sido transmitida quando atingiu a maioridade. Com o casamento, que ocorrera pouco depois, o filho ficou ainda mais rico. A esposa era dona de uma renda considerável ao casar, e viria a receber fortuna ainda maior da parte da mãe, uma viúva que dispunha de muito a oferecer. Para ele, portanto, a herança da propriedade de Norland não era, na verdade, tão importante quanto para suas irmãs; pois, além do que poderiam receber se herdassem do pai a propriedade, não sobraria muito para elas. A mãe não tinha posses, e o pai dispunha de uma renda de apenas sete mil libras; o restante da fortuna da primeira esposa também fora assegurado ao filho, e ele tinha apenas o direito de usufruir da propriedade.

O velho cavalheiro morreu; seu testamento foi lido e, como quase sempre acontece, provocou doses iguais de frustração e prazer. Ele não foi injusto ou ingrato a ponto de tirar a propriedade do sobrinho; — mas deixou-a em termos que comprometiam metade do valor do legado. O sr. Dashwood a queria mais pela esposa e pelas filhas do que por si mesmo ou pelo filho — mas para o filho dele e para o filho do filho, uma criança de quatro anos de idade, a propriedade foi assegurada, de tal modo que não lhe restaram poderes de prover aquelas que lhe eram mais caras e que mais necessitavam ser providas, fosse por uma divisão do espólio, fosse através da venda de seus valiosos arvoredos. O total estava atrelado em benefício dessa criança, que, em visitas eventuais com o pai e a mãe a Norland, havia conquistado a afeição do tio, com aquela atração que não é nem um pouco incomum em crianças de dois ou três anos; a fala imperfeita, o sincero desejo de fazer tudo a seu modo, inúmeras artimanhas e um bocado de barulho de certo modo haviam superado o valor de toda a atenção que, durante anos, ele recebera da esposa do sobrinho e de suas filhas. Mas ele não quis ser cruel e, como sinal de sua afeição pelas três meninas, deixou mil libras para cada.

A frustração do sr. Dashwood foi, a princípio, grande; mas seu temperamento era alegre e sanguíneo, e ele contava, com certa razão, viver ainda muitos anos e, com parcimônia, amealhar quantia considerável a partir dos rendimentos de uma propriedade já grande e passível de melhorias quase imediatas. Mas a fortuna, de tão tardio recebimento, seria sua por apenas um ano. Ele não sobreviveria mais ao tio; dez mil libras, incluindo o que foi legado pelo falecido, foi tudo o que restou para a viúva e as filhas.

O filho foi chamado assim que o perigo se tornou conhecido, e a ele o sr. Dashwood recomendou, com toda a força e a urgência que a doença lhe podia incitar, que cuidasse do interesse da madrastra e das irmãs.

O sr. John Dashwood não nutria fortes sentimentos pelo resto da família; mas fora afetado por uma recomendação daquela natureza, naquele determinado momento, e prometeu fazer tudo em seu poder para deixá-las em situação confortável. O pai se viu aliviado por tais garantias, e o sr. John Dashwood teve então oportunidade de considerar quanto exatamente, com prudência, podia fazer por elas.

Ele não era um rapaz ruim, a não ser que um coração frio e certo egoísmo constituam maldade: ele era, em geral, respeitável; pois agia com propriedade no desempenho de suas tarefas cotidianas. Se tivesse casado com uma mulher mais amável, poderia ter sido ainda mais respeitado: — talvez chegasse mesmo a ser amável; pois era muito jovem quando se casou e gostava muito da esposa. Mas a sra. John Dashwood era uma veemente caricatura do marido; — mais tacaña e egoísta.

Quando ele fez a promessa ao pai, pensava consigo mesmo em aumentar a fortuna das irmãs com um presente de mil libras para cada uma. Pensara, então, que isso seria justo. A perspectiva de quatro mil por ano, somados à renda que ele já tinha, além do que restava de

sua metade da fortuna da mãe, aqueceram-lhe o coração e o tornaram capaz de generosidades. — “Sim, ele ficou de dar três mil libras: que bonito, que magnânimo! Seria o bastante para que vivessem perfeitamente tranquilas. Três mil libras! Ele poderia dispor da considerável quantia com a mínima inconveniência.” — Ele pensou nisso o dia inteiro, e por dias a fio, e não se arrependeu.

Mal havia passado o funeral, a sra. John Dashwood, sem avisar a sogra de suas intenções, chegou com o filho e as criadas. Ninguém poderia contestar seu direito; a casa era de seu marido após a morte do pai; mas a indecidez de sua conduta foi imensa mesmo assim, e para uma mulher na situação da sra. Dashwood, cheia dos mais compreensíveis sentimentos, deve ter sido profundamente desagradável; — e na cabeça dela havia uma noção de honra tão aguçada, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa desse tipo, provocada ou recebida por quem quer que fosse, era para ela uma fonte perene de desgosto. A sra. John Dashwood nunca fora a pessoa favorita de ninguém na família do marido; mas não tivera, até então, oportunidade de demonstrar com quão pouca atenção ao conforto alheio era capaz de agir quando a ocasião exigia.

A sra. Dashwood sentiu tanto essa atitude mesquinha, e desprezou sua nora por isso com tanta sinceridade, que, quando ela chegou, teria deixado a casa para sempre, não tivesse a filha mais velha levado-a a refletir sobre a pertinência dessa partida; seu terno amor pelas três filhas a fez depois resolver ficar e em nome delas evitar um rompimento com seu irmão.

Elinor, a mais velha, cujos conselhos foram tão efetivos, possuía a força do entendimento e a tranquilidade do juízo, que a qualificavam, embora com apenas dezenove anos, a ser conselheira da mãe e lhe permitiam muitas vezes contrabalançar, para benefício de todas, aquele espírito inquieto da sra. Dashwood que em ge-

ral a levava à imprudência. Tinha muito bom coração; — sua disposição era afetuosa e seus sentimentos eram fortes; mas ela sabia como governá-los: era um conhecimento que sua mãe ainda precisava adquirir, e que uma de suas irmãs estava decidida a nunca aprender.

Os talentos de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante parecidos com os de Elinor. Ela era sensível e inteligente; mas ardorosa em tudo; tristezas, alegrias, nada nela era moderado. Era generosa, amável, interessante: mas era tudo menos prudente. A semelhança com a mãe era impressionante.

Elinor observava, com preocupação, o excesso de sensibilidade da irmã; mas a sra. Dashwood valorizava e apreciava aquilo tudo. Elas se encorajavam mutuamente na violência de sua aflição. A agonia do luto, que as derrubara a princípio, foi voluntariamente renovada, buscada, criada e recriada sem cessar. Entregaram-se por inteiro à própria tristeza, procurando aumentar o horror que cada reflexão pudesse propiciar, decididas a jamais admitir a possibilidade de alguma consolação futura. Elinor também ficou abaladíssima; mas conseguiu lutar, conseguiu ao menos reagir. Conseguiu consultar o irmão, conseguiu receber a cunhada quando chegou e tratá-la com toda a atenção devida; e foi capaz, sobretudo, de animar a mãe ao mesmo empenho, encorajando uma contenção semelhante.

Margaret, a outra irmã, era uma menina bem-humorada e afável; mas como se já houvesse embebido um bocado do romantismo de Marianne, sem dispor do mesmo juízo, não prometia, aos treze anos, igualar-se às irmãs futuramente na vida.

II

A sra. John Dashwood então se instalou como proprietária de Norland, e a madrasta e as irmãs do marido foram rebaixadas à condição de convidadas. Como tais, contudo, foram tratadas por ela com serena civilidade; e, pelo marido, com toda a afeição que ele era capaz de sentir por alguém além de si mesmo, sua esposa e seu filho. Ele chegou a insistir que elas considerassem Norland seu lar; como a sra. Dashwood não tinha ainda nenhum plano plausível além de permanecer ali até que pudesse se acomodar em uma casa das redondezas, o convite foi aceito.

A permanência em um lugar onde tudo a lembrava um prazer passado era justamente o que ela tinha em mente. Na alegria, ninguém era mais alegre do que ela ou possuía, em mais alto grau, aquela expectativa sanguínea de felicidade que constitui a própria felicidade. Mas na tristeza ela também precisava ser igualmente arrebataada pela fantasia e sentir-se tão além de qualquer consolação quanto no prazer era desmedida.

A sra. John Dashwood não aprovava nem um pouco o que o marido pretendia fazer pelas irmãs. Tirar três mil libras da fortuna do filhinho querido deles seria condená-lo ao grau mais deplorável da pobreza. Ela implorou que ele pensasse melhor no assunto. O que teria a dizer de si mesmo se roubasse do próprio filho, seu menino, filho único como ele, tal quantia? E que direitos as srtas. Dashwood,

que eram apenas meias-irmãs, o que ela nem considerava parentesco, poderiam ter sobre a generosidade dele para receberem tanto? Todos sabiam que não existia afeto entre os filhos dos diferentes casamentos de um homem; por que ele haveria de se arruinar, além do pobre Harry, abrindo mão de todo o dinheiro para ajudar suas meias-irmãs?

“Foi o último pedido que meu pai me fez”, respondeu o marido, “que eu ajudasse sua viúva e suas filhas.”

“Parece-me que ele não sabia o que estava falando; aposto que estava com a cabeça nas nuvens. Se estivesse em seu juízo perfeito, não teria nem pensado em implorar para você fazer uma coisa dessas, abrir mão de metade da fortuna do nosso próprio filho.”

“Ele não estipulou nenhuma quantia em particular, minha querida Fanny, só me pediu, em termos genéricos, que as ajudasse, que as deixasse em uma situação mais confortável do que ele era capaz naquele momento. É como se tivesse deixado tudo para mim. Dificilmente imaginaria que eu seria capaz de ignorá-las. Mas, como ele me pediu que jurasse, eu não poderia deixar de aceitar: pelo menos foi o que pensei na hora. Minha palavra, portanto, foi dada e deve ser cumprida. Algo precisa ser feito por elas quando deixarem Norland e se estabelecerem em uma nova casa.”

“Bem, pois então que *algo* seja feito por elas; mas não precisa ser três mil libras. Considere o seguinte”, ela acrescentou, “depois que o dinheiro vai embora, não volta mais. Suas irmãs vão acabar se casando, e esse dinheiro estará perdido para sempre. Se, de fato, pudesse voltar para nosso pobre filhinho...”

“Ora, sem dúvida”, disse o marido, muito gravemente, “isso faria uma grande diferença. Há de chegar um dia em que Harry lamentará termos gasto uma quantia tão alta. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, seria um acréscimo muito conveniente.”

“Seguramente.”

“Talvez, então, fosse melhor para todas as partes que a quantia caísse pela metade. — Quinhentas libras já seriam um aumento prodigioso para elas!”

“Oh! Mais do que isso! Nenhum irmão no mundo faria tanto pelas irmãs, nem mesmo por irmãs de verdade! Assim — só com metade do sangue! — É muita generosidade sua!”

“Eu não gostaria de cometer nenhuma crueldade”, ele respondeu. “É melhor, nessas situações, fazer mais do que menos. Assim ninguém poderá achar que não fiz o bastante pelas três: elas próprias dificilmente esperam mais do que isso.”

“Não há como saber o que elas esperam”, disse a mulher, “mas não devemos pensar na expectativa alheia: a questão é quanto você pode pagar.”

“Certamente — e acho que posso pagar quinhentas libras a cada uma. Assim, sem nenhuma ajuda minha, cada uma terá mais de três mil libras com a morte da mãe — uma fortuna bastante confortável para qualquer jovem.”

“Seguramente: e, de fato, agora me dei conta de que elas não precisarão mesmo de ajuda. Terão dez mil libras para dividir em três. Se elas se casarem, certamente se casarão bem, e se não casarem, podem muito bem viver com conforto dos juros das dez mil libras.”

“Isso é bem verdade, e, sendo assim, não sei se não seria, afinal, mais aconselhável fazer algo pela mãe delas enquanto está viva do que por elas — como uma espécie de pensão anual, quero dizer. Minhas irmãs se beneficiariam da mesma forma que a mãe. Cem libras por ano deixariam todas perfeitamente confortáveis.”

A esposa, no entanto, hesitou um pouco em concordar com o plano.

“Seguramente”, ela disse, “é melhor do que dar quinze mil libras de uma vez. Mas se a senhora Dashwood viver mais quinze anos nós estaremos completamente arruinados.”

“Quinze anos! Minha Fanny querida, a vida dela não deve durar metade disso.”

“Certamente que não, mas se você reparar, as pessoas sempre acabam vivendo para sempre quando têm algum tipo de anuidade a receber; e ela é bastante robusta e saudável, não tem nem quarenta anos. Pensão é um assunto muito sério; todo ano é preciso pagar, e você não se livra disso nunca mais. Você não tem consciência do que está fazendo. Eu sei o que é ter problemas com pensão; minha mãe acabou sendo obrigada, pelo testamento de meu pai, a pagar três empregadas muito idosas, e era extremamente desagradável. Duas vezes por ano ela tinha de pagar; e depois havia o incômodo de levar o dinheiro para elas; então foi dito que uma tinha morrido, depois descobriu-se que não era nada disso. Minha mãe passou maus bocados. Não tinha acesso à própria renda, ela dizia, com todas essas reivindicações intermináveis sobre o montante: e era uma mesquinharia de meu pai, pois, de outro modo, o dinheiro ficaria inteiramente à disposição de minha mãe, sem nenhum tipo de restrição. Isso tudo me provocou tal ojeriza a pensões, que eu seguramente não me comprometeria a pagar outra por nada neste mundo.”

“Certamente é desagradável”, respondeu o sr. Dashwood, “ter esses desfalques anuais na própria renda. A fortuna, como bem observou sua mãe, acaba por não nos pertencer. Comprometer-se a um pagamento regular de tal quantia, com data determinada, é por todos os aspectos algo indesejável: pois nos tira a independência.”

“Sem dúvida; e, afinal, você não tem nenhuma obrigação. Elas já se consideram amparadas, você não precisa fazer mais do que o esperado, nem cativar a gratidão delas. Se eu fosse você, ajudaria de acordo com meu próprio critério. Não me atrelaria a fazer nenhum pagamento anual. Às vezes pode ser muito inconveniente ter de abrir mão de cem ou até mesmo de cinquenta libras das nossas próprias despesas anuais.”

“Creio que você está com a razão, meu amor; o melhor, nesse caso, será mesmo não haver anuidade nenhuma; o que eu puder lhes dar eventualmente será muito mais útil do que qualquer pensão anual, pois seu estilo de vida se tornaria mais dispendioso se tivessem a certeza de contar com uma renda maior, e não estariam por conta disso nem um centavo mais ricas ao final do ano. Certamente será melhor assim. Um presente de cinquenta libras aqui e outro ali evitará que se aflijam por dinheiro, e creio que me desobrigará amplamente da promessa que fiz a meu pai.”

“Seguramente. De fato, para falar a verdade, estou convencida de que seu pai não achava que você fosse dar nenhum dinheiro a elas. A assistência que ele tinha em mente, penso comigo, era apenas algo que já se esperaria de você; por exemplo, procurar uma casa pequena e confortável para elas, ajudá-las a fazer a mudança, enviar presentes, peixes, caça, e assim por diante, toda temporada. Aposto minha vida como ele não quis dizer nada além disso; na verdade, seria muito estranho e insensato se quisesse dizer outra coisa. Pense comigo, meu querido senhor Dashwood, com que conforto sua madrastra e as filhas dela poderão viver dos juros de sete mil libras, além das mil libras de cada menina, o que chega a cinquenta libras por ano cada uma, de onde, é claro, poderão pagar à mãe pelas próprias despesas da casa. Juntas, elas terão quinhentas libras por ano no total, e, afinal, o que mais quatro mulheres podem querer na vida além disso? A vida delas será tão pouco dispendiosa! As despesas com a casa não darão quase nada. Não terão mais carruagem, nem cavalos, praticamente nenhum empregado; não visitarão mais ninguém, nem poderão ter qualquer tipo de despesa! Será uma vida muito confortável! Com quinhentos por ano! Garanto que não sei como conseguirão gastar metade disso; e essa sua ideia de lhes dar ainda mais é um absurdo muito grande de se

pensar. Elas estarão em situação tão boa que poderão dar a *você* alguma coisa.”

“Dou minha palavra”, disse o sr. Dashwood, “acredito que você está com toda a razão. Meu pai certamente não esperava outra coisa de mim, senão o que você está dizendo, quando me fez esse pedido. Agora vejo claramente, e cumprirei meu compromisso com esses gestos de auxílio e bondade que você bem descreveu. Quando minha madrastra se mudar para outra casa, prontamente oferecerei meus serviços para acomodá-la da melhor forma que puder. Uma pequena ajuda na mobília também seria aceitável.”

“Certamente”, devolveu a sra. John Dashwood. “Mas, no entanto, uma coisa não se pode esquecer. Quando seu pai se mudou com ela para Norland, embora a mobília de Stanhill tenha sido vendida, toda a porcelana, os pratos e os linhos ficaram, e agora estão com ela. A casa já estará, portanto, praticamente pronta quando ela se mudar.”

“Essa é, sem dúvida, uma consideração relevante. De fato, é um legado valioso! Alguns desses pratos de fato seriam bons acréscimos a nossos serviços de mesa.”

“Sim; e o conjunto de porcelana do desjejum é duas vezes mais bonito que o nosso. Bonito demais, na minha opinião, para qualquer casa que elas possam pagar. Mas, no entanto, é assim mesmo. Seu pai só pensou nelas. E eu tenho que dizer: você não deve nenhuma gratidão especial a ele, nem mesmo essa atenção a seus desejos, pois sabemos muito bem que, se pudesse, teria deixado quase tudo o que tinha para elas.”

Esse argumento foi irresistível. Deu às intenções do marido o que lhe faltava em decisão; e ele por fim resolveu que seria absolutamente desnecessário, quando não bastante indecoroso, fazer mais pela viúva e pelas filhas de seu pai do que alguns daqueles gestos de boa vizinhança que sua própria esposa havia sugerido.